



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

520 anos das Capitanias Hereditárias. 510 anos da descoberta do Rio da Prata por navegantes portugueses. 490 anos da fundação da Companhia de Jesus. 470 anos do Colégio de São Paulo. 460 anos do desembarque de Estácio de Sá em Salvador. 410 anos da vitória de Jerônimo de Albuquerque na Batalha de Guaxenduba, MA. 400 anos da invasão holandesa, tomada de Salvador e início da Guerra do Açúcar. 370 anos da Batalha da Campina do Taborda e do Tratado do Taborda. 340 anos da revolta de Manuel Beckmann no MA. 310 anos do fim da Guerra dos Mascates em PE. 270 anos do início da Guerra Guaranítica. 250 anos da vitória do Major Rafael Pinto Bandeira no Combate de Santa Bárbara, RS. 200 anos da primeira Constituição do Brasil. 170 anos da 1ª ferrovia brasileira pelo Barão de Mauá. 160 anos do início da Guerra do Paraguai e morte de Antônio João. 150 anos do Combate do Ferrabraz, RS, na Guerra dos Muckers. 120 anos da Revolta da Vacina e da Escola da Praia Vermelha. 110 anos do início da I GM. 100 anos da Revolução Paulista. 80 anos do desembarque aliado na Normandia (06 Jun), da partida do 1º Escalão da FEB para a Itália e da inauguração da Academia Militar das Agulhas Negras. 60 anos da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, SP, da rebelião militar que deu origem à Contra-Revolução Democrática de 31 de março e da eleição do Gen Humberto de Alencar Castello Branco para a Presidência da República. 30 anos da conquista do tetracampeonato de futebol na Copa do Mundo dos EUA pelo Brasil.

ANO 2024

Novembro

Nº 467

O POSITIVISMO NO PENSAMENTO MILITAR DOS ALUNOS DA ESCOLA DA PRAIA VERMELHA

(Conforme Laurentino Gomes na obra: 1889, Rio de Janeiro, Globo, 2013, p. 167, extrato do Capítulo 8)

Na Escola Militar estudava-se muito. O currículo incluía álgebra, geometria analítica, cálculo diferencial, física experimental, química orgânica, trigonometria esférica, ótica, astronomia, geodésia, desenho topográfico, tática, estratégia e história militar, direito internacional, noções de economia política e de arquitetura civil e militar.

Era ali também que estudantes pobres, vindos das mais diferentes regiões do Brasil, entravam em contato com as ideias que naquele momento germinavam revoluções ao redor do mundo. Por isso, a escola era também chamada de "O Tabernáculo da Ciência". Seus alunos se identificavam como "os científicos", homens contaminados pelo Século das Luzes, imbuídos da missão de entender e transformar o mundo.

Nenhum pensador teve tanta influência sobre o pensamento da mocidade militar do Rio de Janeiro¹ quanto o francês Auguste Comte. Isidore Auguste Marie François Xavier Comte

¹ No final do século XIX.

(1798-1857) foi o pai do "positivismo", conjunto de ideias filosóficas e políticas que seduziu profundamente toda uma geração de intelectuais brasileiros na segunda metade do século XIX, em especial no meio militar.

Nascido em janeiro de 1798, Comte apoiava os ideais da Revolução Francesa, que incluíam o fim da Monarquia, a ampliação dos direitos individuais, separação entre Estado e religião, mas assustava-se com o (estudo do) caráter sanguinário que a revolução tinha adquirido, especialmente durante o chamado Regime do Terror (1792/94)², em que milhares de pessoas foram decapitadas na guilhotina por divergências políticas.

Ao contrário dos Estados Unidos, um modelo relativamente estável de República, no começo do século XIX o experimento francês parecia não ter limites. Após a revolução, a Monarquia e a República foram derrubadas e restauradas na França inúmeras vezes, sempre em meio a novos banhos de sangue.

O Regime do Terror havia dado lugar às guerras napoleônicas, nas quais os franceses tentaram impor pela força das armas as ideias que a revolução falhara em implantar nas assembleias populares³.

Após a derrota de Napoleão Bonaparte em Waterloo, em 1815, reis e governantes civis se revezariam no poder por mais de meio século, até 1870, ano da consolidação da República francesa. Cada fase vinha com novas receitas para velhos problemas. As ideias de Comte, resultado de sua experiência pessoal, procuravam dar certa ordem ao caos instalado no continente europeu nessa época (primeira metade do século XIX).

O positivismo de Comte baseia-se em um sistema filosófico chamado "Lei dos Três Estados". Por ele, o ser humano passaria por três etapas distintas de evolução:

- A primeira seria a **fase teológica**, na qual as pessoas tentariam explicar os mistérios da natureza pela crença na ação de espíritos e elementos mágicos. Seria um estágio marcado pela confiança absoluta nos fenômenos sobrenaturais. A imaginação se revelaria sempre mais forte do que a razão. Sociedades ainda presas à fase teológica tenderiam a aceitar a ideia de que a **autoridade dos reis e o poder do Estado teriam uma origem divina**, decorrentes de uma delegação sobrenatural e não de um pacto livre entre as pessoas. A monarquia, portanto, seria o regime de governo natural de um estágio ingênuo e primitivo na evolução humana, mais próximo da barbárie do que da racionalidade;

- O segundo estado na evolução humana, segundo Comte, seria o **metafísico**. A imaginação daria lugar à argumentação abstrata. A ação do sobrenatural seria substituída pela força das ideias. Nesse patamar estariam, por exemplo, os filósofos gregos, que passaram a usar a razão para explicar os fenômenos naturais. Em decorrência dessa mudança de foco, a organização e o governo das nações passariam a basear-se na **soberania popular**, não mais em uma suposta origem divina. Este seria, porém, um estágio evolutivo apenas **intermediário**, no qual os seres humanos ainda não teriam acesso ao instrumento mais fundamental na aquisição do conhecimento - **o método científico**; e o

- Terceiro estado. A ciência só passaria a orientar o entendimento e as ações humanas na fase seguinte, a terceira na escala de valores de Auguste Comte, que ele chamou de estado **"científico"** ou **"positivo"**. No ponto de vista de Comte, era para esse terceiro estágio que

² Nesta época, Comte nem havia nascido ainda.

³ Na verdade, as guerras napoleônicas, de 1803 até 1815, foram contra as seis coligações de monarquias europeias contra a França republicana, revolucionária e depois napoleônica.

boa parte dos seres humanos se encaminhava no século XIX - pelo menos nas sociedades que ele julgava mais educadas e desenvolvidas, caso dos países europeus.

No estado "positivo", a ciência assumiria, finalmente, o papel de orientadora do conhecimento e da evolução dos povos. Pela cuidadosa **observação científica** dos fenômenos seria possível, em primeiro lugar, tirar conclusões seguras a respeito do universo e também do comportamento humano. O passo seguinte seria o da ação transformadora no ambiente social. O correto entendimento das leis naturais e sociais tornaria possível não só explicar o presente, mas também prever e organizar o futuro.

Como se vê, o sistema de Comte resultava da aplicação pura e simples dos princípios das ciências exatas nas ciências humanas. Da mesma forma como, na matemática, dois mais dois são quatro, na história também haveria elementos concretos que, devidamente analisados e interpretados, poderiam levar a conclusões lógicas e desdobramentos previsíveis.

Essa noção estaria na base da moderna sociologia⁴, ciência da qual Comte é considerado o fundador.

Dela resultou também a expressão "Ordem e Progresso", que hoje figura no centro da bandeira nacional brasileira.

No entendimento de Comte, se existe uma ordem estática nas sociedades, possível de ser compreendida pela observação científica, haveria também uma dinâmica social, responsável pelas leis do seu desenvolvimento, ou seja, o progresso.

Uma vez entendida a ordem da sociedade seria possível reformar as suas instituições de maneira a acelerar o seu progresso.

No pensamento do filósofo francês estava, igualmente, a gênese de outro conceito que moveu as paixões dos "científicos" da Escola Militar da Praia Vermelha - o da ditadura republicana.

A tarefa de reformar a sociedade, segundo a proposta de Comte deveria ser levada a cabo por uma elite científica e intelectual situada na vanguarda dos três estágios evolutivos.

Orientado pela ciência, consciente de seu elevado papel na sociedade positiva, esse grupo seria capaz de estabelecer e executar planos rumo a um futuro de paz e prosperidade gerais.

A enorme massa da população, pobre, analfabeta e ignorante, teria de ser conduzida e controlada pela elite republicana, por ainda não estar pronta para participar ativamente do processo de transformação.

A República, portanto, deveria ser implantada de cima para baixo, de maneira a prevenir insurreições e desordens populares que pudessem ameaçar a boa marcha dos acontecimentos.

Auguste Comte levou tão a sério o seu sistema que, nos anos finais de sua vida, havia plantado as sementes de uma **nova religião** baseada nos conceitos do positivismo.

A "**Religião da Humanidade**" tinha templos decorados com símbolos e instrumentos científicos nos quais os fiéis se reuniam.

No seu código doutrinário, a figura de um Deus cristão era substituída pela própria humanidade.

⁴ A Sociologia é uma ciência criada por Auguste Comte. Ele é considerado o pai da Sociologia por ter criado a disciplina e proposto a aplicação do método científico para o estudo da sociedade. Comte acreditava que a Sociologia deveria ser uma ciência positiva, baseada em fatos observáveis e mensuráveis. Ele desenvolveu o conceito de evolução social, que descreve como as sociedades passam por estágios de desenvolvimento (bing.com).

Nos nichos até então ocupados pela enorme galeria de santos de devoção católica entravam os grandes vultos do pensamento humano. Desse modo, em lugar de São Paulo, São Pedro e Santo Antônio, os fiéis eram orientados a cultuar Homero, Aristóteles, Dante, Gutenberg, Shakespeare, Descartes e outros grandes nomes das ciências e da filosofia.

Enquanto desenvolvia os fundamentos da "Religião da Humanidade", Auguste Comte apaixonou-se por Clotilde de Vaux, dezessete anos mais nova do que ele. Vinham ambos de um primeiro casamento fracassado. Ele a definiu como sua "arrebatadora paixão crepuscular".

Sob inspiração dela, Comte escreveu uma de suas derradeiras obras, o Sistema de filosofia política, base doutrinária da religião positivista, em cujo panteão a própria Clotilde figuraria como santa e musa inspiradora de todos os discípulos.

Após a morte de Clotilde, Comte proclamou-se o primeiro **Sumo Pontífice** da nova religião, adotou o voto de castidade e recolheu-se em casa, onde passou a consumir um copo de leite pela manhã e um pedaço de carne com legumes à noite, às vezes acompanhado de pão seco, em "solidariedade aos que não dispunham sequer disso para saciar a fome". Morreu em 1857, aos 59 anos.

Na segunda metade do século XIX, o positivismo já estava em decadência na Europa, tanto como religião quanto como sistema filosófico. No Brasil, no entanto, chegaria ao apogeu nessa época⁵ e seria o germe da grande transformação ocorrida em 1889 - como demonstra o lema "Ordem e Progresso" inserido na bandeira nacional.

"Para termos uma República estável, feliz e próspera, é necessário que o governo seja ditatorial, e não parlamentar", defendeu em discurso de 14 de dezembro de 1889, um mês após a Proclamação da República, o ministro da Agricultura do novo governo provisório, o gaúcho Demétrio Nunes Ribeiro⁶, fiel seguidor do ideário de Auguste Comte.

A primeira agremiação positivista brasileira foi criada no Rio de Janeiro em abril de 1876 com o objetivo de "promover um curso científico" e construir uma biblioteca. Entre os sete fundadores estavam dois professores da Escola Militar da Praia Vermelha, o então major Benjamin Constant e o engenheiro militar Roberto Trompowsky Leitão de Almeida⁷.

Cinco anos mais tarde a agremiação entraria em crise. Dois de seus membros, Miguel Lemos e Raimundo Teixeira Mendes, ex-alunos da Escola Politécnica, insistiram em transformá-la em Igreja Positivista do Brasil⁸, subordinada à orientação de Pierre Laffite (1823-1903), sucessor espiritual de Comte na França⁹.

Benjamin Constant e outros sócios pediram o afastamento, alegando discordar dos desdobramentos religiosos das ideias do filósofo francês. Algum tempo mais tarde, ao tratar do tema com o futuro Visconde de Taunay, Benjamin recomendou:

"Não siga apertadamente o sistema todo (...); em não poucos pontos dele me aparto, nem pratico a religião da humanidade, mas estude os livros do mestre; discipline as suas ideias"¹⁰.

⁵ Comentário do Editor: essa ideologia, depois de envelhecer na Europa, veio para o Brasil.

⁶ Nome de uma das principais ruas do centro de Porto Alegre.

⁷ Patrono do Magistério do Exército pelo Decreto nº 51.492, de 13 de março de 1962, celebrado em 8 de fevereiro.

⁸ Em Porto Alegre, o Templo Positivista fica na Avenida João Pessoa, 1058, Bairro Farrroupilha.

⁹ Sociólogos renomados, entre outros, foram Alexis de Tocqueville, Max Weber, Émile Durkheim e, no Brasil, Gilberto Freyre.

¹⁰ O próprio Benjamin Constant - o brasileiro, não o francês (Henri-Benjamin Constant de Rebecque, 1767-1830), já renegava o catecismo positivista. Tasso Fragoso também.

A partir daí a história do positivismo no Brasil ficou dividida em duas vertentes. A primeira, religiosa, tornou-se irrelevante. Em 1890, primeiro ano da República, a "Igreja da Humanidade" contava com apenas 159 adeptos em todo o país.

Como ideologia política, no entanto, as ideias de Comte teriam um impacto enorme e duradouro na história republicana. Alguns estudiosos chegaram a estabelecer ligações entre elas e a Revolução de 1930, liderada pelo gaúcho Getúlio Vargas, ele próprio um ex-adepto do positivismo.

Da mesma forma, haveria no golpe militar de 1964 um eco positivista **tardio**, tão profundamente arraigado no pensamento militar estaria a ideia de um grupo iluminado capaz de conduzir de forma ditatorial os rumos da perigosamente instável República brasileira.

Em 1878, os alunos da Escola Militar da Praia Vermelha criaram um clube secreto republicano, que funcionava em uma pequena casa no bairro de Botafogo. Outro clube, também secreto, foi fundado em 1885, sob o disfarce de associação beneficente.

Seus sócios recebiam regularmente os exemplares de *A Federação*, jornal republicano dirigido no Rio Grande do Sul pelo positivista Júlio de Castilhos. Esse grupo se caracterizava pela rejeição às práticas religiosas tradicionais, vistas como retrógradas e próprias da primeira fase de evolução humana descrita por Auguste Comte.

Os jovens "científicos" da Escola Militar se declaravam ateus ou agnósticos. Para eles, o desafio da reforma das instituições incluía mudar a própria religião católica, tida como uma das razões do atraso brasileiro.

"Temos pelo catolicismo, e pelas entidades que o representam, o mesmo religioso respeito que tem o arqueólogo pelos restos da civilização antiga escavados sob os montões de ruínas", escreveu o tenente Lauro Sodré, estudante da Escola Militar entre 1876 e 1884, que na República se tornaria o primeiro governador do Pará. "A Bíblia do futuro é o livro da ciência."

Em 1886, Lauro Sodré fundou em Belém o primeiro clube republicano do Pará, cujo objetivo seria "a eliminação da realeza, que, para nós, representa a causa do nosso atraso". A linguagem do manifesto divulgado por Sodré era incendiária, pregando abertamente a revolução popular armada contra a Monarquia:

Cremos firmemente que há de vir de baixo a revolução destinada a quebrar as armas da tirania, consagrando os instrumentos da democracia. Nós reconhecemos aos povos o direito à insurreição. Há momentos em que os empecilhos levantados pelo obscurantismo contra o avanço da engrenagem social têm de ser removidos pela força das multidões. (...) E sobre as ruínas e os destroços do passado que se levantará o futuro. Progredir é continuar, mas a construção tem por preliminar indispensável a demolição¹¹.

A propagação dessas ideias em um país católico e conservador gerava desconforto e preocupações. Exemplo disso é um episódio engraçado envolvendo o cearense José Bevilacqua e sua família. Em abril de 1886, quando ele já era um membro ativo das reuniões e sociedades secretas da mocidade militar, sua mãe ficou assustada ao saber que o filho iria morar em uma "república" de estudante. No interior do Ceará, onde ela morava, a simples menção da

¹¹ Lauro Sodré, *Crenças e opiniões*, Senado Federal, 1997, p. 77.

palavra "república" era considerada perigosa. Por carta, o filho procurou tranquilizá-la explicando tratar-se de um mal-entendido:

Não tem razão para sentir calafrios ante a palavra República; em primeiro lugar porque ela simboliza a forma de governo em que os direitos dos cidadãos são melhor definidos, porquanto não admitindo privilégios de famílias ou de classes, as leis igualam todos os cidadãos e a única distinção é aquela que é oriunda do mérito e das virtudes individuais (...); demais ali tratava-se de uma casa de estudantes, que costuma-se designar por esse nome.

Em resumo, a "república" que tanto assustava a mãe de Bevilacqua não passava de um alojamento estudantil - denominação ainda hoje utilizada em cidades de concentração universitária, caso de Ouro Preto, em Minas Gerais. Mas era justamente em locais como esse que germinava, em 1889, a semente da derrubada do Império.

E não por acaso se chamavam repúblicas.

Pensamento do General Francisco de Paula Cidade sobre o Positivismo de Augusto Comte, ou “Porque não somos positivistas”

Ao proclamar-se a República, o positivismo havia empolgado boa parte da intelectualidade militar brasileira, com os seus ortodoxos e os seus simpatizantes.

Os primeiros nem querem ouvir falar em guerras, armamentos ou História Militar, os segundos procuram acomodar as duas correntes, a tradicional, que nos vem dos primeiros dias da nacionalidade cristã e a nova, revolucionária e ateia.

Guiados pela ideologia pacifista que surgia nos horizontes de nossa história, os governantes encaram, não raro, soluções simplistas para os nossos grandes problemas políticos.

Soluções às vezes chocantes, que atingem o cúmulo quando se propõem ceder aos nossos vizinhos partes de nosso território, que eles disputavam sem maiores títulos do que suas próprias ambições.

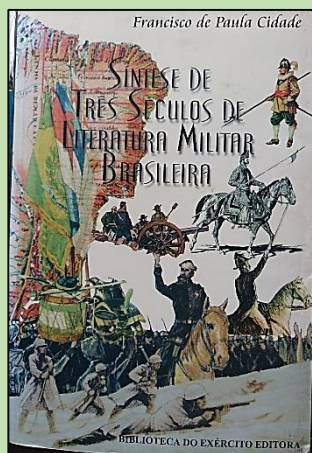
Isso não só repugnava aos tradicionalistas, como dividia o bloco positivista em relação ao problema.

Combatido pelos católicos e por outros adversários da doutrina, dividido em adeptos e simples simpatizantes, o positivismo, que invadira as escolas militares e alguns setores do alto comando, começou a diluir-se lenta, mas seguramente.

E por fim desapareceu do seio do Exército no segundo decênio que se seguiu à proclamação da República, na qual, aliás, teve papel saliente, deixando um saldo positivo com a solução por ele defendida que se deu ao problema da separação entre a Igreja e o Estado, o que realmente foi um grande serviço prestado ao país, dado o altruísmo que o presidiu



FRANCISCO DE PAULA CIDADE (1883-1968)



Fonte: CIDADE, Francisco de Paula, General. Síntese de Três Séculos de Literatura Militar Brasileira. Rio de Janeiro: BIBLIEx Editora, 1998, p. 432.

**Poesia do Coronel Professor Hernandes Maia Filho, formado na Escola Militar do Realengo em 1937,
Turma de Infantaria, e professor de Química no CMRJ**

(Fonte: BRAGA, Gustavo Lisboa. Da Casa do Trem à AMAN. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2011, p. 21/24)

Minha Escola Militar

*De Casimiro de Abreu
fantasio o verso meu
para também proclamar
Oh! Que tão doce saudade
Da distante mocidade,
Da Escola Militar!
Onde bem jovem cheguei,
Onde sofri e gozei
Querendo o Brasil salvar,
Com a alma cheia de sonhos,
que me foi dado sonhar.*

*Mas que susto na entrada
Vendo aquela bicharada,
toda a fauna do Brasil:
o bororó, o paroara,
o bagual e o pau de arara
e o carioca bromil.
Uns eram simples paisanos,
outros eram os bacanos
do Colégio Militar,
uns e outros começando
terrível luta, tentando
uma estrelinha alcançar.
Mas o caminho era longo,
dominava o pernilongo,
o carrapato a imperar,*

*Oh! Velho pátio segundo
onde eu chegava imundo
sem água para me lavar,
Oh!, que fome desgraçada,
depois da marcha forçada
no chão de Gericinó,
o almoço era batata,
o jantar, também batata,
a ceia batata só!*

*Mas havia um grande dia
em que jorrava alegria,
Satisfação a granel,
não era nada importante,
somente um pouco excitante,
era o dia do pastel.*

*Oh!, aulas depois do almoço
em que torcia o pescoço
na ânsia de não dormir,
Oh! Terrível descritiva,
Oh, física cansativa,
Oh que vida de faquir...
Mas nem tudo era ruim,
Havia sábado, sim
ou um feriado qualquer,
cadetes nos azulões,
destruindo corações,
como chovia mulher!*

*Assim três anos passaram,
instrutores bobearam,
a estrela conseguimos.
Por esses brasis andamos,
diversos cursos tiramos
a carreira prosseguimos,
e aquela turma pequena,
compenetrada, serena
envelheceu como as demais,
e, sete lustros passados,
nos mostra com seus bordados
quase trinta generais
que, dedicados soldados,
cidadãos compenetrados,
nos honram com sua fama,
mas, por favor, não olvidemos*

*os generais mais pequenos
os generais do pijama.
Industriais, engenheiros
Professores, empreiteiros
Que não descansam um
momento
Na luta, com devoção,
Pela nossa integração,
Pelo desenvolvimento.
Muitos de nós nos
Deixaram,
Pelo caminho tombaram
E nos esperam no além
Destacamento com amor
Nossa chegada também.*

*Antes da Magra chegar
ao Realengo vou voltar*

*com meu neto pela mão,
percorro o Campo de Marte,
e, juntando engenho e arte,
eu lhe direi com emoção:
- Olha essa casa, meu filho,
não percebes nela o brilho
de um farol a nos guiar?*

*É que esse prédio avoengo,
orgulho do Realengo,
era a Escola Militar.*

*Escola ilustre entre mil,
Esperança do Brasil,*

*Que tantos chefes nos deu,
que fez de nós mosqueteiros dos anseios brasileiros,
fez gigante o pigmeu.
Nenhum de nós tem riqueza,
nosso poder foi pequeno,
não temos glória também;
na alma temos grandeza,
nosso viver é sereno
pois somos homens de bem.
E aí me calarei,
sei que não prosseguirei,
soluços vão me embargar,
num pranto de gratidão,
do fundo do coração,*

Minha Escola Militar

%%%

Questão do Pirara

José Carlos Pöppl Filho
Historiador

Todos conhecem o efeito Galtieri, assim chamado em homenagem ao general argentino Leopoldo Galtieri, que para desviar a atenção do caos que se instalava no governo do país, decidiu invadir as ilhas Malvinas, em 02 de abril de 1982. A guerra durou pouco mais de dois meses, com a derrota da Argentina em 14 de junho do mesmo ano.

Tudo que Nicolas Maduro quer agora é escaramuça com algum país sul-americano, para esconder a eleição fraudada e a falência econômica e institucional do país. Já tentou a Guiana, reclamando para Venezuela a região do Essequibo. Mas ficou receoso, porque seria uma operação difícil, passando por território brasileiro, ou um desembarque anfíbio combinado com operações aéreas. Além disso, enfrentaria reações esmagadoras do Reino Unido e Estados Unidos.

Portanto, uma pequena guerra de tacapes e bordunas aqui na América Latina seria mais segura e teria menos efeito político.

Por outro lado, tudo que Luiz Inácio quer hoje é uma escaramuça em um país sul-americano, também de tacapes e bordunas, para tirar o foco da ditadura socialista que o consórcio Executivo-Suprema Corte está construindo no Brasil, a falência da sua política econômica e o vexame de suas presepadas internacionais em torno do conflito Israel-Hamas e Rússia-Ucrânia.

Tudo regado a sangue de jovens venezuelanos e brasileiros, enquanto Luiz Inácio e Janja se refestelam nas luxuosas viagens internacionais e na boa vida dos palácios.

Nesse contexto, relembremos que o Brasil também se envolveu em querela diplomática com o Reino Unido por Essequibo, no confronto que ficou conhecida como Questão do Pirara.

Assim, a contenda sobre o Essequibo, uma área dentro da Guiana repleta de minerais e outros recursos naturais, trouxe à tona que a América do Sul também enfrentou grandes disputas territoriais. O Brasil, conhecido mundialmente por uma postura pacífica nas relações internacionais, já passou por uma disputa fronteiriça na mesma região. Na disputa, o país entrou em um conflito diplomático com o Reino Unido por uma área de cerca de 33 mil quilômetros quadrados, localizada entre a fronteira do atual estado de Roraima e a Guiana.

Com áreas ricas para a agropecuária e em alguns minerais, o local daria acesso ao Brasil ao mar do Caribe pelos afluentes do rio Amazonas. Do outro lado, também poderia deixar com que os britânicos alcançassem toda região norte do Brasil, devido à possibilidade de navegação desde o local.

No entanto, a região do Pirara (cortada pelo rio Essequibo), a leste do estado de Roraima, área que hoje compõe o sul da Guiana, já foi parte do território brasileiro até o início do século XX. Recordemos:

Em meio a embates diplomáticos entre os dois países que se arrastavam por anos, em 1898, o governo brasileiro aceitou a proposta inglesa de submeter a disputa ao julgamento do governo italiano - considerado imparcial à época, tendo como árbitro o rei Vitor Emanuel III, último governante monarquista da Itália.

Em 1899, o Barão de Rio Branco, então ministro das Relações Exteriores, convocou Joaquim Nabuco, uma das figuras mais importantes do movimento abolicionista no Brasil, para liderar a diplomacia brasileira na questão do Pirara, área disputada pelos dois países.



Essequibo, região de disputa entre Venezuela e Guiana há mais de 100 anos

À época, não existiam organizações multilaterais, como a ONU (Organização das Nações Unidas), para a resolução de conflitos. Por isso, o Brasil, que também passava pela transformação do segundo reinado para a República, apoiou a demanda inglesa de uma arbitragem, um julgamento feito por um terceiro imparcial e escolhido pelas partes.

"Esse processo de arbitragem foi muito comum para uma série de questões à época, inclusive do Brasil. A questão do arrendamento da terra para um conglomerado britânico que explorava látex e o ciclo da borracha no Acre foi feita assim, a disputa pelo Amapá com a França também",

conta Vanessa Braga Matijascic, professora de Relações Internacionais na FAAP.

O rei acabou por dividir o território, beneficiando a Guiana com 3/5 do local, o que representa uma área equivalente a treze cidades de São Paulo - decisão que causou protestos da diplomacia brasileira liderada por Joaquim Nabuco, pois a diplomacia afirmara ao árbitro que a posse da terra era legal uma vez que o país já controlava o rio Amazonas e seus afluentes superiores, que haveria uma ocupação do local desde a época de Portugal, além de uma ausência inglesa, e que pelo país ser o sucessor da metrópole, era considerado o protetor natural da área.

Os ingleses, por sua vez, afirmavam que o território contestado foi inteiramente adquirido pelos holandeses por via da ocupação e, depois, transmitido à Inglaterra, que conservou e desenvolveu tal presença. Além disso, a posse do local era confirmada pelo consentimento dos índios, que se reconheceriam como ingleses.

Segundo o livro "A Questão do Pirara", de José Theodoro Mascarenhas Menck, ex-consultor legislativo do Congresso, e que conta com prefácio do ex-presidente Michel Temer, Nabuco se mostrava preocupado com a atuação do rei Vitor Emanuel III, que iria decidir o pleito. "O receio que tenho não é falta de imparcialidade, é de exame superficial, amateurich (amador), da questão, e de entrarem jurisconsultos políticos, de regras de direito ad hoc", confidenciou ao barão de Rio Branco.

O líder italiano, que buscava fortalecer a Itália como potência junto aos países europeus, após a unificação do país, viu no convite uma grande cortesia da Inglaterra para com ele, de acordo com a publicação.

Assim, o árbitro declarou que por um lado "não se podia admitir como certo que Portugal, inicialmente, e o Brasil em seguida, tivessem realizado uma efetiva tomada de posse de todo o território contestado" mas que também "a conquista da soberania por parte da Holanda primeiramente e, mais tarde por parte da Grã-Bretanha, não foi efetuada senão em parte do território que era objeto de litígio".

Por isso, Vitor Emanuel III optou por traçar uma linha intermediária aos dois pedidos, conhecida como Mau-Tacutu¹², que o Brasil já havia negado anteriormente, e que delimitava um total de 65% para a Inglaterra e 35% do território em disputa para o Brasil. Na parte concedida ao Brasil está atualmente localizada a reserva indígena Raposa Serra do Sol.

A decisão foi recebida de maneira negativa pela diplomacia brasileira, que aceitou, contudo, a perda de parte do território. "A Inglaterra ganhou mais do que nas negociações anteriores pois ampliou a extensão territorial. Essa sentença foi recebida sem protesto formal, o que vai em direção a tradição brasileira da diplomacia em respeitar as decisões finais, ainda que elas tenham desfavorecido o Brasil", afirma Vanessa Braga Matijascic:

"Joaquim Nabuco fez um minucioso estudo sobre a região com base desde o Tratado de Tordesilhas, mostrando como a região tinha essa base militar no Rio Branco e uma próxima do rio Pirara e que muitos indígenas da região trabalhavam para o Exército Brasileiro. Mas, de qualquer forma, o rei Emanuel tomou uma decisão sábia, reconhecendo para o lado britânico os processos históricos. Na visão de Reginaldo Gomes, nós não perdemos, mas ganhamos, dado que os britânicos queriam a região de Roraima inteira".

Posteriormente, já na década de 1940, o ex-embaixador dos EUA no Brasil, Lloyde Gricson, publicou um livro que trazia um suposto diálogo que teve com o rei Vitor Emanuel III.

Na publicação, ele diz que o italiano afirmara que "não gostava dos trópicos e do povo de lá" além de que a diplomacia brasileira havia "enviado mapas falsos na arbitragem" e que, por isso, "ele poderia ter dado todo o território para a Inglaterra, mas que acabou por dividir".

À época, o Brasil indagou o governo italiano sobre as supostas falas do rei, que foram negadas pelos representantes do país. Foi assim, portanto, que o Brasil perdeu para a Guiana uma área com aproximadamente 160 mil km², área pouco maior que o Estado do Ceará.

Essequibo representa, hoje, 70% do território guianês.

Referências

¹² O rio Tacutu é um curso-d'água que banha o Brasil e a Guiana. Nasce a sudeste do estado de Roraima e ruma em direção norte até se juntar ao Maú, constituindo uma sub-bacia hidrográfica de 42.906 km².

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de; MAGALHÃES, Maria das Graças Dias. A QUESTÃO DO PIRARA: RORAIMA – UFRR. Portal de Revistas da UFRR. Disponível em: <<https://revista.ufrb.br/textosedebates/article/download>>. Arquivo PDF. Acesso em 01 out. 2024.
PEREIRA, Vinicius. BBS NEWS Brasil. Disponível em: <Essequibo brasileiro? Brasil já perdeu território gigante para Guiana> - BBC News Brasil. Acesso em 02 out. 2024.



OS MILITARES, OS GENERAIS, A CONFIABILIDADE E A CREDIBILIDADE NAS REDES SOCIAIS

Eduardo Henrique de Souza Martins Alves(*), (em texto de 2021)

Uma pesquisa informal, nos dias de hoje, nas Redes Sociais, a respeito da confiabilidade e credibilidade das Forças Armadas deveria estar acendendo uma luz de alerta no topo da pirâmide castrense.

A ausência de um comprometimento mais efetivo com o governo do Presidente da República (PR) Jair Messias Bolsonaro, quer por receio de ter sua identidade rotulada negativamente pelos meios de comunicação, que estão a serviço de esquerdopatas corruptos, ou pela omissão intelectual em não conhecer culturalmente o inimigo, tem contribuído para o decréscimo expressivo do crédito e da confiança que sempre desfrutaram os militares perante à população brasileira.

Vamos restringir as observações e os comentários apenas sobre o Exército Brasileiro (EB), nossa origem profissional. Não temos o direito, nem a competência para nos aventurarmos a opinar sobre as outras forças.

O fato evidente, que não está sendo levado em consideração, é a constatação clara da participação dos militares do EB em cargos e na administração do governo. Por serem, na sua maioria, oficiais superiores e oficiais generais, a representatividade da Força Terrestre, nesse caso, se torna explícita, declarada e muito significativa.

Não há como ignorar que o EB está comprometido com o governo. Então, se existe essa relação, o Alto Comando deveria dar demonstrações inequívocas do seu alinhamento à atual política do Estado Brasileiro.

Permanecer em uma neutralidade constitucional é muito cômodo e perigoso. É óbvio que não desejamos fazer aqui a apologia de confronto, nem mesmo instigar a aplicação afoita do artigo 142 da Constituição Federal.

O que os brasileiros de bem, através das redes sociais, estão a clamar é que o EB dê sinais claros de que está, como Instituição, apoiando o PR, afinal é a Força Terrestre a representação fiel do povo fardado.

Se não está ocorrendo equilíbrio e harmonia entre os Poderes da República o EB, longe de encarnar um outro Poder (o tal Moderador, como alguns ditos especialistas costumam afirmar), deve ser visto como o “Protetor da Nação”, aquela Instituição, a mais confiável do País, que protege o povo brasileiro do jugo das paixões políticas e dos abusos e desmandos inconstitucionais.

Sair da clausura e agir também como cidadãos é fundamental para dar sustentação ao governo atual e alento à população sofrida, esquecida, vilipendiada, oprimida e ameaçada por outros poderes.

As redes sociais, como instrumento de participação popular, têm se revelado o grande, único e verdadeiro apoio ao PR diuturnamente.

Acreditar que o dístico ufanista “Braço Forte - Mão Amiga”, por si só, é suficiente para respaldar a imagem positiva do EB é uma percepção muito simplista como estratégia de marketing institucional na atualidade brasileira. A opção de sobrepor a “Mão Amiga” ao “Braço Forte” é equivocada.

Ações subsidiárias não constituem a característica essencial de um Exército que busca se qualificar como eficiente, efetivo e eficaz na sua missão constitucional.

Essa responsabilidade deve ser atribuída a quem detém, dentro do EB, a real autoridade para conduzir a Estratégia Militar Terrestre: os generais!

Os generais são honestos? Claro que são! São leais? Temos a certeza que sim!

Mas são só generais, comandantes e chefes! Não são líderes!

Liderança funcional, com base apenas na hierarquia e na disciplina, não confere ascendência natural sobre a tropa, só institucional!

Muitos estão em cargos e funções altamente burocratizados! Não possuem a sensibilidade sobre as necessidades da caserna!

Relatórios, Pesquisas e Gráficos não são termômetro nem retrato fiel da situação dos Militares.

Por vezes tomam medidas, administrativas é claro, altamente questionáveis e dissociadas da realidade nacional, como a de regular o uso das redes sociais pelos militares da ativa! É como querer represar o rio Amazonas com sacos de areia!

O problema atual da Força Terrestre é, em essência, cultural. A exemplo de grande parte da população não há o hábito natural da leitura, da aquisição do conhecimento de forma espontânea.

Os programas de leitura instituídos no EB não são suficientes e nem mesmo levados a sério. Não conhecemos a nossa História como deveríamos.

Os senhores generais, por não conhecerem doutrina política, não conseguem dar um assessoramento correto nessa área. O exemplo mais atual são os senhores ministros do governo.

Houvesse uma preparação intelectual mais específica não estariam a penar para realizar articulações políticas corretamente que são importantes para bem apoiar o PR.

A política conservadora idealizada pelo PR não tem encontrado ressonância no EB, principalmente entre a oficialidade e particularmente no universo dos oficiais generais.

A pauta conservadora que inclui, entre outros, temas como aquisição de armas pelo brasileiro cidadão, a condenação da prática do aborto, a liberdade individual e a defesa da família, não são difundidos nem discutidos no âmbito da Força Terrestre, dando a impressão que o Sr. PR está sozinho nessa Cruzada.

Mesmo no Poder Legislativo, aqueles parlamentares de origem militar, que se elegeram defendendo as propostas do PR não estão, nos dias atuais, muito dispostos a se comprometer com as pautas que os elegeram. Preferem ficar à margem desse comprometimento.

Eles acreditam, de forma equivocada, que o fato de terem sido militares é condição essencial e única para defender as pautas presidenciais, não há um verdadeiro engajamento.

Estão sendo engolidos pelo sistema existente no Congresso.

Os próprios generais reformados que estão atualmente como deputados federais não possuem base cognitiva suficiente para enfrentar as discussões ideológicas que permeiam o convívio parlamentar.

Creem que colocar o título “Deputado General Fulano” irá impressionar e respaldar todas as suas atitudes políticas. Além de ser um enorme equívoco também é um não cumprimento de preceito regulamentar. O Estatuto dos Militares não permite que se coloque posto ou graduação em cargo político.

E o EB já deveria ter se manifestado publicamente a esse respeito.

Os civis, por vezes, nos vêem como um bloco monolítico de pensamento. Outro equívoco!

Mesmo advogando e defendendo os mesmos valores militares e a identidade do EB, não há alienação mental total.

A estrutura altamente hierarquizada por vezes compele o militar a negar sua própria pessoa, sua personalidade, mas não existem robôs institucionalizados, eles possuem suas convicções pessoais bem arraigadas. A maioria, não se deixa enganar pela adulação nociva e a subserviência.

São profissionais que estudam, buscam aprender, ter cultura e conhecimento, porque acreditam ser esse o caminho da liberdade individual e da redenção como homens e militares.

Retiramos do Livro “Uma Vez Uma Águia”, o Guerra e Paz Americano, de Anton Myrer:

“E conta a fábula libanesa, que certa vez uma águia, ferida de morte disse, ao ver do dardo o molde: com nossas próprias penas, não por mãos alheias, somos vitimadas” (Ésquilo).

(*) Bacharel Licenciado em História pela UFF, e Pós-graduado em História Militar Brasileira pela UNIRIO. É também Coronel Reformado do EB, da Arma de Infantaria.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Veterano

Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com).

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br;

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com;

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historiapatriota.blogspot.com>